



A representação social do ex-presidente Hugo Chávez na mídia impressa: um enfoque discursivo

Cibélia Renata da Silva Pires

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa
Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil

E-mail: cibeli.pires@gmail.com

É pesquisadora no grupo de pesquisa NEAC (Núcleo de Estudos de Análise Crítica do Discurso), vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1442-8724>

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicidade:
Fluxo contínuo

Volume 5
Número 1

Recebido em: 30/09/19
Aprovado em: 02/01/20

Resumo

Este artigo, baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH 2003, 2001) e na teoria dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN 2008, 1997, 1996) tem como objetivo demonstrar como o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez e a população venezuelana foram representados no discurso da revista *Veja* durante o seu governo, cooperando, assim, para a construção da imagem do próprio ex-presidente. Utilizamos como *corpus* quinze reportagens da revista *Veja* referentes ao período de 1999 a 2012. O resultado nos mostra que a revista constroi, ao mesmo tempo, a imagem de um povo insatisfeito com um presidente e suas políticas públicas, e de Chávez como um líder autoritário que se tornou um inimigo da nação.

Palavras-chave:

Análise Crítica do Discurso, Hugo Chávez, Venezuelanos, Van Leeuwen.

1 Introdução

Desde que venceu as eleições em 1998, na Venezuela, até a sua morte, o presidente Hugo Chávez Frias ocupou com frequência as páginas de jornais e revistas não só na Venezuela como também no Brasil. Considerado hoje o país com a maior reserva de petróleo do mundo, a Venezuela, país localizado na América do Sul, tem sido alvo de interesses estrangeiros que buscam novas fontes de exploração desse recurso cada vez mais escasso (SEVERO, 2012).

A ascensão de Hugo Chávez à presidência fez com que a Venezuela entrasse em um processo de profundas transformações sociais, econômicas e políticas. Com base no que ele chamou de socialismo do século XXI, o governo bolivariano ganhou projeção internacional devido às diversas mudanças que operou na política interna, bem como por ter mantido uma nova postura na política externa, que se caracterizou pelo não alinhamento com os EUA (MARINGONI, 2009).

O afastamento do modelo econômico liberal, a contínua contestação em relação à liderança global norte-americana e o discurso de caráter nacionalista abriram caminho para a intensa rivalidade entre a Venezuela e os EUA. Esse antagonismo se manteve presente durante todo o mandato de Hugo Chávez e continuou mesmo após sua morte.

Não demorou muito para que o ex-presidente Hugo Chávez enfrentasse uma oposição dentro de seu próprio território. A partir desse momento, todos os setores, que se sentiam prejudicados com o modo como Hugo Chávez vinha conduzindo a política de seu país, uniram-se em diversas ações para tentar destituí-lo do poder. Logo nos primeiros anos de seu governo, grande parte dos meios de comunicação internacionais travou uma luta contra a sua imagem e seu governo. Seu discurso anti-imperialista, com ênfase nacionalista, não era visto com bons olhos pela elite econômica local, pelos EUA e pelos grandes veículos de comunicação, principalmente por ter sido uma região marcada por ditaduras militares (MARINGONI, 2004).

Em 2002, os empresários, a elite econômica do país e o alto escalão do exército venezuelano, com apoio do governo norte-americano e da mídia venezuelana, destituíram Hugo Chávez Frias da presidência da Venezuela, por meio de um golpe de Estado, elegendo o dirigente empresarial Pedro Carmona como presidente interino (ROVAI, 2007). Reconduzido ao poder em apenas 24 horas depois do golpe orquestrado contra ele, Chávez governou o país até 2013 quando morreu em decorrência de um câncer.

Reeleito cinco vezes em um país onde o voto não é obrigatório, Chávez construiu uma trajetória política específica que o diferenciou dos demais líderes latino-americanos. Com seu discurso contrário às políticas neoliberais propostas por Washington, além de uma aproximação com a figura de Fidel Castro, gerou

posicionamentos a favor e contra seu governo dentro do seu próprio país, estimulados, principalmente, pela própria imprensa local e internacional.

Na perspectiva de Gramsci, os meios de comunicação são considerados ‘aparelhos privados de hegemonia’ que não só difundem visões particulares de mundo como também se utilizam de seu poder de influência para exercer a dominação. No entanto, o seu poder não é exercido pelo uso da força, mas sim pela estratégia de criação de consenso que naturaliza as práticas e as relações sociais (MORAES, 2016).

Considerando as relações de poder que permeiam os discursos da imprensa de modo geral, este artigo, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH 2001, 2003) e na teoria dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN 1996, 1997, 2008), tem como objetivo demonstrar quais estratégias linguísticas foram utilizadas pela revista *Veja* para construir a imagem do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, bem como dos venezuelanos, aqui no Brasil. Para isto, utilizamos um *corpus* com quinze reportagens referentes ao período de 1999 a 2012 em que Chávez esteve no poder e procedemos a uma análise, a fim de observar, através de elementos linguísticos, o caráter ideológico presente no discurso da revista.

A ACD propõe um arcabouço teórico-metodológico para a explicação crítica de questões ligadas à relação de poder e dominação no plano sociodiscursivo. Como instrumental teórico para a análise das práticas discursivas, a ACD busca deslindar a relação dialética entre linguagem e sociedade, observando como o discurso pode sofrer intervenções dos elementos históricos, ideológicos e culturais. Ao analisar o discurso como prática social que reflete as relações de poder, a ACD não só denuncia os diversos conflitos sociais e, por consequência, as práticas de dominação neles envolvidos, como também explora e propõe projetos de mudança social, a fim de ampliar a participação democrática e contribuir para uma emancipação social.

É importante observar que a imprensa é considerada um agente ideológico dos poderes sociais e econômicos dominantes, representando, portanto, interesses hegemônicos que buscam controle do espaço público (RICÓN e MAGRINI, 2010, p. 86). Deste modo, ao proceder com a análise linguística, este artigo questiona o discurso hegemônico divulgado pelos meios de comunicação, incentiva o pensamento crítico e busca trazer contribuições a respeito da prática discursiva adotada pelos meios de comunicação e o impacto disso na sociedade.

A relação assimétrica entre os meios de comunicação e a sociedade pode ser entendida como um problema social, tendo em vista que essa relação sustenta uma associação assimétrica de poder entre aqueles que detêm o espaço para veicular suas ideias e, portanto, o poder de fala, e aqueles que apenas têm acesso a essas publicações e discursos.

2 A Análise Crítica do Discurso: princípios teóricos e metodológicos

A Análise Crítica do Discurso (ACD) surgiu em 1985, em um artigo escrito pelo linguista Norman Fairclough da Universidade de Lancaster. Abordagem teórica filiada à Linguística Crítica (LC), consolidou-se como disciplina no início da década de 1990, com o lançamento da revista *Discourse in Society*, e mais especificamente durante um simpósio em Amsterdã, realizado em janeiro de 1991, no qual estavam presentes os linguistas Teun V. Dijk, Norman Fairclough, Theo V. Leeuwen, Gunther Kress e Ruth Wodak¹. Nesse evento, que representou um marco simbólico para os estudos críticos do discurso, os pesquisadores puderam discutir teorias e métodos de análise do discurso, confrontando as diversas abordagens e expondo similaridades dentro da perspectiva da ACD. A partir desse primeiro encontro, foi consolidada uma nova agenda de pesquisa e o grupo de pesquisadores se expandiu, disponibilizando novas ferramentas de estudo para analisar o discurso (MELO, 2009).

Desde o seu surgimento, os analistas críticos do discurso sempre demonstraram preocupação com a relação dialética entre a estrutura social e o discurso, pois a capacidade linguística de produção de significado poderia ser um produto da estrutura social. Desse modo, da linguagem, reconhecida como uma prática social, emergem os processos ideológicos que regulam relações de poder e dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Por manter uma relação dialética com a estrutura social, o discurso reflete as relações de poder. No entanto, essas relações assimétricas não ocorrem de modo transparente, antes o controle e poder exercido por um grupo hegemônico é conduzido no discurso de forma não explícita, levando as pessoas a agirem de forma consensual, sem que elas percebam (RESENDE; RAMALHO, 2006).

A Análise Crítica do Discurso procura exatamente não apenas analisar, mas revelar de que forma o discurso tem-se colocado como instrumento de dominação, por meio da produção de efeitos ideológicos subjacentes, expondo os processos linguísticos utilizados por determinados grupos hegemônicos para preservar seu poder sobre os outros menos privilegiados (MELO, 2012).

3 A Análise Crítica do Discurso e as categorias de Van Leeuwen

Um dos objetivos da ACD é verificar a função do discurso no interior de problemas sociais contextualmente situados, ocupando-se com os efeitos ideológicos produzidos por meio de textos (discursos) nas relações sociais. Para

¹ Neste período, havia também outras obras que marcaram o período como *Language and Power*, de Norman Fairclough (1989); *Language, Power and ideology*, de Ruth Wodak (1989) e *Prejudice in discourse* (1984), de Teun. V. Dijk.

Fairclough (2003, p. 8), textos podem conduzir a mudanças em nosso conhecimento, nossas crenças, atitudes e valores. Tendo em vista que a relação entre mídia e sociedade ocorre por meio de textos (discursos), podemos enfatizar a natureza social dessa relação e promover, por meio dessas mesmas práticas discursivas, as mudanças sociais necessárias.

Além de utilizar os princípios teórico-metodológicos da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2003, 2001), que compreende o discurso como uma prática efetivamente social, utilizaremos também, dentro dessa perspectiva, as categorias de Van Leeuwen (2008, 1997, 1996) para representação de atores sociais, a fim de demonstrar como o ex-presidente Hugo Chávez e os venezuelanos são representados no discurso da revista *Veja*.

Van Leeuwen (2008, 1997, 1997), com sua teoria da representação social no discurso, foi o responsável por relacionar as pesquisas sobre a representação dos atores sociais com a Linguística e fornecer subsídios para identificar no discurso verbal as estratégias linguísticas utilizadas para categorizarmos pessoas e suas práticas sociais. Através de suas categorias sóciossemânticas, podemos observar não apenas como os atores sociais são representados no discurso, como também o funcionamento dos processos de inclusão e exclusão desses atores no fluxo discursivo.

O trabalho de Van Leeuwen (2008, 1997, 1996) é considerado uma contribuição para os estudos em ACD, uma vez que essa teoria é capaz de revelar significados não tão evidentes que dizem respeito ao modo como os atores sociais podem ser representados no discurso. O autor procura mapear como as práticas sociais se transformam em discursos acerca delas mesmas, trazendo à tona questões ligadas ao poder, à ideologia e à hegemonia já abordados pela ACD.

Neste artigo, para proceder à análise dessas representações sociais, utilizaremos o inventário sóciossemântico de Van Leeuwen (1996, 1997, 2008). Abordaremos as categorias gerais *exclusão* e *inclusão*. O sistema de inclusão é mais complexo do que o de exclusão, podendo o ator social ser representado de várias maneiras e em diferentes papéis como, por exemplo, *ativo* e *passivo* ou *personalizado* e *impersonalizado*.

3.1 Categorias de indeterminação x determinação

Os atores sociais, quando personalizados, podem ainda ser representados de modo indeterminado, ou seja, como indivíduos ou grupos não especificados e anônimos. Realizada através de pronomes indefinidos (alguém, algum, algumas pessoas) e usado em função nominal, a indeterminação torna o ator social como alguém cuja identidade é irrelevante para o leitor. Por outro lado, a *indeterminação* também pode ser realizada por uma referência externa colocada de forma

generalizada e, neste caso, o ator social ganha um tipo de autoridade impessoal, uma onisciência, uma poderosa força coercitiva (VAN LEEUWEN, 2008, p 39-40).

Quando os atores sociais são representados de forma determinada, eles têm a identidade especificada de alguma forma. A determinação pode ser realizada através das subcategorias *Nomeação* e *Categorização*, podendo esta última ser desdobrada nas subcategorias de *Funcionalização* e *Identificação* (VAN LEEUWEN, 1996, p. 51-53).

A *Nomeação* realiza-se por meio de nomes próprios e pode ser formal (apenas sobrenome, com ou sem honoríficos), semiformal (nome próprio e sobrenome) ou informal (apenas o nome próprio). São representados em termos de sua identidade única. Tanto nas reportagens quanto em narrativas, é destinado aos personagens sem nome apenas os papéis passageiros e funcionais, o que leva o leitor a não criar nenhum ponto de identificação com eles (VAN LEEUWEN, 1997, p.200). De acordo com Van Leeuwen (2008, p.41), a ausência de nomeação é tão significativa quanto a sua presença. Como exemplo de nomeação semiformal temos: “O principal organizador das greves gerais, o presidente da Fedecâmaras, *Pedro Carmona*, de 61 anos, assumiu a presidência no lugar de *Hugo Chávez* e prometeu convocar eleições em menos de um ano.”²

A *Categorização* ocorre quando os atores sociais são representados em termos de identidades e funções que partilham com os outros. Ela se subdivide em *Identificação* e *funcionalização*. Na *Identificação*, os atores sociais são representados em termos do que são, de forma permanente ou não, e não do que fazem. Há quatro tipos de identificação: *identificação física*, *identificação relacional*, *classificação* e *avaliação*. A *identificação física* é a que representa os atores sociais em termos de características físicas (loiro, alto, ruivo, magro etc) e proporciona uma identidade única na ausência, temporária ou permanente, de nomeação. Já a *identificação relacional* representa os atores pessoais em termos de relação pessoal, de parentesco ou trabalho que têm entre si, realizando-se através de substantivos (amigo, tia, colega etc), que podem ser possessivizados. Por fim, em relação à *classificação*, os atores sociais podem ser representados por meio de categorias capazes de diferenciar classes de pessoas, de acordo com cada sociedade ou instituição, variando histórica e culturalmente. Em nossa sociedade, classificamos por meio de idade, sexo, raça, etnicidade, religião, orientação sexual etc (VAN LEEUWEN, 1997, p.202-206).

No caso da avaliação, Van Leeuwen (2008, p. 45) afirma que ela é utilizada para se referir aos atores sociais quando estes são representados por termos que atribuem valores como, por exemplo, bom ou mau, amado ou odiado, e assim por diante. Este tipo de representação ocorre também através de nomes que denotem avaliação como ‘querida’, ‘desgraçado’ etc.

² Fonte: O Falastrão caiu, *Veja*, ed. 1747 de 17/04/2002

A *Funcionalização* ocorre quando a referência é feita em termos daquilo que os atores fazem (funções ou ocupações) e das atividades que praticam. Pode ser realizado através de: I) um substantivo formado a partir de um verbo (ex. entrevistador, correspondente, gestor etc); II) um substantivo formado a partir de outro substantivo, que se refere a um local ou instrumento diretamente associados a uma atividade, por exemplo: pianista (VAN LEEUWEN, 1996, p.54).

3.2 Inclusão por personalização assimilada

No caso da assimilação, os atores sociais são representados como grupos e no plural (ex.: venezuelanos/ brasileiros) ou por um nome no singular que denote um grupo (ex.: Nação, Comunidade). Pode ser realizada através das subcategorias *Agregação e Coletivização*.

A *assimilação por Agregação* quantifica grupos de participantes, tratando os como dados estatísticos. É utilizada para produzir uma opinião de consenso. Referencia os atores sociais através de um quantificador, definido ou indefinido (muitos, todos, alguns, a maioria), ou através de um percentual 'X' (Ex. 10% dos venezuelanos). A categoria 'agrupa' atores sociais, ofuscando sua identidade/individualidade. Segundo Van Leeuwen (2008, p.37), esse tipo de representação desempenha um papel muito importante na sociedade, uma vez que certos mecanismos como as pesquisas de opinião e de marketing mostram a opinião da maioria da população para definir as regras sociais: "(...) a agregação é frequentemente usada para regular uma prática e fabricar consenso, mesmo que ela represente um mero registro dos fatos" Por outro lado, na *assimilação por Coletivização*, os atores sociais são representados por meio de um substantivo ou pronome coletivo que denote um grupo como, por exemplo, a palavra "classe" (refere-se a alunos) (VAN LEEUWEN, 1996, p.49).

4 Análise crítica das reportagens

Em nosso *corpus* composto por 15 reportagens, podemos observar a presença significativa de diferentes atores sociais. Dentre eles, percebemos que a "população venezuelana" pode ser relevante para a construção da representação do ex-presidente Hugo Chávez no discurso da revista *Veja*. Por esse motivo, com base no inventário sociossemântico proposto por Van Leeuwen (1996, 1997, 2008), além da análise das categorias que representam Chávez, iremos analisar os grupos nominais em que os "venezuelanos" estejam presentes.

4.1 A representação do ator social Hugo Chávez

A representação do ator social Hugo Chávez se realizou por meio de 353 registros. Destes, 317 são realizados por personalização individualizada e 28 por

personalização assimilada. Dentro dos 317 casos de personalização individualizada, encontramos 163 registros de nomeação por formalização (“Chávez”); 12 representações por semiformalização (“Hugo Chávez”); 51 casos por funcionalização (38 como “presidente”, e 13 como “coronel” ou “tenente-coronel”); 10 registros por funcionalização + identificação (“presidente venezuelano”); 9 ocorrências por funcionalização + nomeação (“presidente Hugo Chávez”); 29 variadas referências por avaliação (alguns exemplos são “Charlatão bolivariano”, “bufão”, “autoritário” e “truculento”), e outras formas menos frequentes resultantes da combinação de duas ou mais categorias. Das 28 ocorrências de personalização assimilada por coletivização, há 25 casos representados como “governo” e 3 casos como “Estado” e “Executivo”.

Embora a nomeação por formalização pressuponha uma hierarquia social implícita devido à sua alta formalidade, no *corpus* aqui analisado, a simples nomeação por formalização ou semiformalização não remete a este tipo de formalidade, podendo, inclusive levar a uma relação de igualdade ou de intimidade entre os interlocutores. Portanto, a escolha por estruturas de nomeação formal e semiformal (“Chávez” e “Hugo Chávez”) não confere um caráter mais respeitoso ou cerimonioso no discurso da revista. Este recurso representacional estaria mais associado à necessidade de dar ênfase a agentividade deste ator social.

Uma outra forma de representação de Chávez no discurso da revista *Veja* tem sido através do uso do termo “coronel” ou “tenente-coronel”, fazendo referência à antiga função desempenhada por ele antes de chegar à Presidência.

A origem militar de Chávez ajuda a construir uma imagem de um governo agressivo. Segundo Soares (2004, p. 35), devido às consequências negativas do período histórico dominado por regimes militares, muitos países da América Latina, principalmente o Brasil, devotam grande desconfiança e, até mesmo, uma certa aversão aos militares de modo geral. Estes têm sido, constantemente, associados a autoritarismo, tortura, violação dos direitos humanos, etc. Para Coggiola (2001, p. 9), os efeitos deletérios advindos deste período autoriza-nos a dizer que “a América Latina nunca mais voltará a ser a mesma depois da ‘era das ditaduras’.” Portanto, ao representar o ex-presidente venezuelano através da funcionalização “coronel”, a revista *Veja* atualiza o seu sentido negativo, deixando implícita a ausência de democracia na Venezuela, além de reforçar o modo autoritário como o poder é exercido pelo então presidente:

- (1) “Era repetidamente acusado pelas autoridades da Colômbia de dar abrigo a guerrilheiros colombianos, e até Vladimiro Montesinos, o chefe do esquema corrupto de Alberto Fujimori, esteve foragido em Caracas, provavelmente com a autorização do *coronel*” (O Falastrão caiu, *Veja*, Ed. 1747 de 17/04/2002).

Por outro lado, ao empregar o termo “coronel” para se referir a contextos que remetem à violência, infração de direitos e rompimento da ordem democrática, a revista associa Chávez ao caráter militar de seu governo, e apresenta esta característica violenta e repressiva como inerente à sua própria personalidade.

No *corpus* desta pesquisa, Chávez é representado através de 29 ocorrências de avaliações. O conceito de avaliação (*appraisement*) é definido por Van Leeuwen (2008) como a maneira que os atores sociais são representados no discurso, utilizando para isso termos apreciativos e/ou depreciativos que, de alguma forma, os qualificam ou avaliam:

- (2) “Chávez se considerava um *Robin Hood bolivariano*. Era mais um *bufão*, que entretinha o povão com programas de televisão em que se comportava mais como um *animador de auditório* do que como presidente” (O Falastrão caiu, *Veja*, Ed. 1747 de 17/04/2002)
- (3) “Com a reforma constitucional aprovada na semana passada, Hugo Chávez consolida seu regime *autoritário e personalista* na Venezuela” (À sombra de El Supremo, *Veja*, Ed 2003 de 07/11/2007).
- (4) “Ele não tem passado socialista ou marxista, nem teórico nem prático. Veio do meio militar e tornou-se um *populista autoritário e fanfarrão*” (O clone do totalitarismo, *Veja*, Ed 1903 de 04/05/2005).

O adjetivo “bufão” e do substantivo “animador de auditório” em (2) suscitam a ideia de alguém que se comporta de modo ridículo, inoportuno ou cômico. Semelhante sentido é evocado em (4), a partir do emprego da palavra “fanfarrão” que faz parte do mesmo campo semântico. Ao realizar essas associações, a revista atribui um caráter de uma pessoa que não possui seriedade em suas relações e que, portanto, não poderia ocupar o cargo de presidente.

Os exemplos (2), (3) e (4) podem ser consideradas formas de avaliação do ator social Hugo Chávez. Desta forma, os adjetivos “autoritário” e “personalista”, e o substantivo “populista” constituem avaliações negativas em relação ao ex-presidente, que corroboram a ideia de que ele seja um ditador que procura, por meio de discursos demagógicos, iludir a população. Com o uso dessas avaliações, a revista resgata e vincula ao seu discurso a memória coletiva que as pessoas detêm sobre a ditadura.

4.2 A representação dos venezuelanos

A representação dos atores sociais que formam o grupo “venezuelanos” também se realizou por meio da personalização assimilada. Foram 84 registros divididos entre 57 coletivizações e 27 agregações. Esse tipo de representação busca trazer uma ideia generalista de criação de consenso. Para tentar compreender o

motivo desta predominância representacional e os efeitos de significado produzidos no discurso, selecionamos alguns trechos da reportagem “O Falastrão caiu³”:

- (5)“*Multidões* nas ruas e rebelião militar tiram Hugo Chávez da Presidência da República.”
- (6)“Na quinta-feira passada, *uma multidão de 200.000 venezuelanos*, arregimentados por *sindicatos de patrões e empregados*, marchou para o palácio presidencial e foi recebida a bala por partidários do presidente.”
- (7)“Na madrugada de sexta, com a *nação* mergulhada em comoção cívica, uma rebelião militar forçou Chávez a renunciar e ele foi aprisionado num quartel na periferia de Caracas, capital do país.”
- (8)“Os *venezuelanos* jamais perdoaram Chávez por ter criticado os ataques americanos no Afeganistão. Por pouco, eles entravam de graça no eixo do mal, a lista de países declarados inimigos pelos Estados Unidos.”

Em (5), (6), os atores sociais selecionados “*multidões*” e “*multidão de 200.000 venezuelanos*” estão representados através de uma assimilação por coletivização. Este tipo de representação propõe uma ideia generalista de que havia uma posição uníssona na Venezuela contra a permanência de Chávez na Presidência da República.

Essa ideia de consenso é confirmada por outra coletivização representada por “sindicatos de patrões e empregados”, pois os sindicatos são órgãos cuja função seria representar os interesses de setores da população. Se “*uma multidão de 200.000 venezuelanos arregimentados por sindicatos de patrões e empregados* marchou para o palácio presidencial” significa que não só o país está unido contra Chávez, mas que até atores políticos normalmente considerados antagônicos (patrões e empregados) se uniram contra o presidente venezuelano para destituí-lo do poder.

Em (7) e (8), novamente, observamos a presença da categoria coletivização através das lexias “venezuelanos” e “nação”, que também transmite a noção de consenso. Essa referência de modo assimilador e impreciso é uma estratégia utilizada pela revista *Veja* para impedir que o público-leitor possa distinguir os indivíduos que fazem parte desses grupos e, assim, homogeneizar as diferenças. Este mecanismo tem a função de orientar a leitura sobre um fato específico de

³ A reportagem “O falastrão caiu” retrata o momento em que o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, foi destituído de seu cargo, após um movimento encabeçado pela elite econômica do país, pelo alto comando das Forças Armadas e com o amplo apoio das principais emissoras de TV do país. O texto traz um suposto panorama dos principais motivos que levaram à queda de Hugo Chávez, bem como procura retratar uma situação posterior. Nesta reportagem, foram selecionados pela revista três especialistas para dar seu ponto de vista em relação ao evento, no entanto, nenhum deles apresentou ponto de vista favorável ao governo Chávez.

modo a apagar as possíveis distinções político-ideológicas dos membros de um grupo social. Por meio da categoria coletivização foi possível formar uma identidade coletiva para o grupo de venezuelanos que estaria em oposição ao ex-presidente Chávez.

Nos trechos (5), (6), (7) e (8), podemos perceber que os grupos são colocados como dois polos contrastantes: de um lado, identificado como ‘bem’, está o grupo que representa todos os venezuelanos e cujos objetivos são partilhados por toda a sociedade; de outro, identificado como ‘mal’, encontra-se o ex-presidente Hugo Chávez sempre associado a ações autoritárias. Constroi-se, assim, uma imagem brutal, opressiva e autoritária do governo venezuelano e, em contrapartida, estabelece-se uma imagem positiva para a população.

No caso dos trechos selecionados da reportagem “O Falastrão caiu”, a queda de Chávez significa a defesa da segurança da nação e do mundo como interesse de todos os venezuelanos, não sendo compreendido como uma ação militar unilateral empreendida pela oposição. Deste modo, o significado de interesse dos EUA e da elite venezuelana no petróleo da região é esvaziado, e a queda de Chávez é vista como algo benéfico e positivo, devendo ser, inclusive, estimulada.

5 Considerações finais

Ao selecionar um item lexical para compor a representação de um ator social, a revista *Veja* faz uma determinada escolha dentre as várias outras possíveis. No caso de Chávez, diante da diversidade de representações, há uma preferência do veículo em caracterizar esse ator social através da personalização por determinação. Desse modo, em seu discurso, a revista particulariza a figura do ex-presidente, enfatizando sua identidade individual, o que conduz a uma maior visibilidade e responsabilidade a suas ações.

A frequência com que Hugo Chávez é nomeado sugere a importância e o destaque que a revista pretende dar a sua imagem, pois nomear um ator social significa representá-lo por meio de sua identidade única, o que pode ser considerada uma estratégia ideológica da revista para enfatizar a responsabilidade de suas ações.

Embora em menor número, Chávez também é representado por meio da funcionalização “coronel”. Ao fazer referência ao seu passado militar, a revista construiu, em seu discurso, a imagem de um personagem beligerante. As construções textuais feitas por meio dos recursos de transitividade reiteram essa violência excessiva praticada por ele.

Se, por um lado, a revista procura destacar a identidade de Chávez através da nomeação e categorização, observamos que isso nem sempre ocorre quando se trata da representação dos venezuelanos. A maioria deles é representada por meio das categorias sociossemânticas coletivização e agregação. Desse modo, a revista cria representações genéricas dos venezuelanos com baixo grau de representação

dos atores, a fim de criar um efeito de consenso em relação a suas demandas. Ao isolar o ator social Hugo Chávez do restante da população venezuelana, a revista constroi duas identidades distintas e polarizadas: os venezuelanos, de um lado, e Chávez, de outro, reafirmando a imagem do ex-presidente como alguém cruel e ameaçador, ou seja, de um inimigo comum que precisa ser combatido.

Referências

- COGGIOLA, O. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- _____. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.
- MARINGONI, G. *A revolução venezuelana*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____. *A Venezuela que se inventa: poder, petróleo e intriga nos tempos de Chavez*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.
- MELO, I.F. Por uma análise crítica do discurso. IN: MELO, I. F.(Org.) *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas/SP: Pontes editores, 2012, pag 53-98.
- _____. **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções**. *Letra Magna*, ano 05, no 11. 2º semestre/2009,PP. 1-18.
- MORAES, D. *Crítica da mídia & hegemonia cultural*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2016.
- RESENDE, V. M. ; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RINCÓN, O.; MAGRINI, A.L. Meios, poder e democracia na América Latina... de celebridades políticas, poderes midiáticos e democracia de simulação. In: SORJ, B (org.). *Poder político e meios de comunicação: da representação política ao reality show*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 75-104.
- ROVAI, R. *Midiático poder: o caso Venezuela e a guerrilha informativa*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- SEVERO, Luciano W. *Desdobramentos da entrada da Venezuela no Mercosul*. **Revista Orbis Latina** , vol 2, N0 1, janeiro-dezembro de 2012, p. 112-115. Disponível em: https://issuu.com/revistaorbislatinaorbislatina/docs/revista_orbis_latina_v2. Acessado em 21/08/2016.
- SOARES, A.R. *A ditadura e seu legado: Subsídios à crítica acerca da ditadura militar de 1964-1985*. São Paulo: Clíper Editora, 2004.
- VAN LEUWEEN, T. *Discourse and practice*. News tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.
- _____. *A representação dos atores sociais*. In: PEDRO, E.R. (org.) **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997, pg. 169-222.
- _____. The representation of social actors In: Caldas-Coulthard, C.; Coulthard, M (Orgs) *Texts and Practices: readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge, 1996, p 32-70.

The social representation of the former president Hugo Chávez in printed media: a discursive approach

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 5
Number 1

Received in: 30/09/19
Approved in: 02/01/20

Abstract:

This article, based on theoretical-methodological assumptions of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH 2003, 2001) and on Social Actors theory (VAN LEEUWEN 2008, 1997, 1996) aims to demonstrate how the former president Hugo Chávez and venezuelan people were represented in the speech of *Veja* magazine during his administration, cooperating to construct the image of the former president. We used as *corpus* fifteen magazine articles referring to the period from 1999 to 2012. The result shows that the *Veja* magazine builds, at the same time, the image of dissatisfied people with their president and his public policies, and Hugo Chávez as an authoritarian leader who became an enemy of the nation.

Keyword:

Critical Discourse Analysis, Hugo Chávez, Venezuelan people, Van Leeuwen.